

MARIA FORMOSINHO*

ABORDAGEM PSICOLÓGICA DO FENÓMENO RELIGIOSO NO DEALBAR DO SÉCULO XX: CONVERGÊNCIAS ENTRE FLOURNOY, JAMES E DELACROIX

1. Théodore Flournoy e a abordagem psicológica do fenómeno religioso

A divulgação de *Les Principes de la Psychologie Religieuse* de Théodore Flournoy, no número 72 dos *Archives de Psychologie* de 2006, denota claramente a renovação do interesse pela obra deste antigo professor da Universidade de Genebra, no âmbito da investigação psicológica sobre a experiência religiosa. O estudo publicado corresponde à Introdução a uma série de 14 lições sobre Psicologia Religiosa, que foram proferidas no curso de Psicologia Experimental da Faculdade de Ciências, no semestre de Inverno do ano lectivo 1901/1902¹. A análise deste estudo permite-nos discernir as posições do autor suíço relativamente à psicologia dos fenómenos religiosos e cotejar a sua posição com a do americano William James que, na mesma data, havia sido convidado a proferir dois cursos, na Universidade de Edimburgo, sobre a mesma temática.

Começando por considerar a escassez de investigações no domínio da psicologia da religião, Flournoy destaca um conjunto de trabalhos publicados na América, fazendo alusão directa à pesquisa de William James. No seu ponto de vista, esta escassez de estudos contrasta com a dimensão relevante que o fenómeno religioso tem para a história da humanidade havendo, por tal razão, que discernir os obstáculos epistemológicos e culturais susceptíveis de explicar este reduzido interesse heurístico por parte dos investigadores em psicologia. Para o autor, a explicação encontrar-se-ia fundamentalmente na grande discrepância intelectual entre as designadas “almas religiosas” relutantes a desenvolverem uma pesquisa, que conotam como uma espécie de profanação, e “os espíritos científicos” pouco predispostos a acolherem este tipo de investigações. De qualquer forma, para Flournoy, o espírito positivista que marcava a ciência da época não deveria constituir causa nem fundamento para o desinteresse pelo estudo descritivo do fenó-

* Universidade de Coimbra.

¹ Estas lições haviam sido originalmente publicadas, nos *Archives de Psychologie*, em Dezembro de 1902.

meno religioso, e a este propósito cita Ribot que, em 1896, afirmava de forma peremptória: «Même en poussant les choses à l'extrême, en admettant que toutes les manifestations du sentiment religieux ne soient qu'illusion et erreur, il n'en reste pas moins que l'illusion et l'erreur sont des états psychiques et à ce titre doivent être étudiés par la psychologie»². Procurando delimitar o novo domínio da psicologia da religião, Flournoy insiste em distingui-la dos estudos da história das religiões, se bem que reconhecendo o contributo que este estudo histórico poderá dar para a compreensão dos aspectos culturais, sociais e institucionais da vida religiosa das gerações passadas. Por outras palavras, se à história das religiões incumbe a análise das manifestações objectivadas da experiência religiosa dos indivíduos, à psicologia incumbe a análise dos fenómenos da consciência individual, pois será só através desta abordagem individualizante que se tornará possível encontrar explicação para a sucessão temporal das manifestações sociais que a história descreve.

Importante é, também, perceber que esta delimitação disciplinar da psicologia da religião exige, complementarmente, uma diferenciação clara face à própria especulação filosófica de cariz metafísico, sendo que a indagação psicológica se circunscreve dentro dos limites descritivos e explicativos que são similares a qualquer ciência natural, que faça uma utilização interpretativa dos fenómenos, sem pretensões de edificação piedosa ou substantivação de uma verdade ontológica de natureza transcendente. Evidentemente que esta referenciação ontológica ao transcendente incorpora-se na própria experiência religiosa. Mas Flournoy insiste que o ponto de vista psicológico é manifestamente um ponto de vista fenoménico que utiliza, como princípio epistemológico axial, o «princípio da exclusão da transcendência»³ Será, pois, este princípio de exclusão do transcendente que define e delimita o âmbito da psicologia religiosa⁴, se bem que a psicologia não deixe de se lhe referir fenoménicamente como um dado integrativo da própria experiência religiosa. De facto, a neutralidade do ponto de vista do cientista não pode anular, mas obriga-o pelo contrário, a registar as significações subjectivas que os indivíduos atribuem a determinado tipo de experiências. Nesta exigência por um rigor na análise fenoménica da experiência subjectiva, Flournoy exige que as ideias ou representações dos sujeitos sejam tidas em consideração, recomendando que o psicólogo se remeta, ao analisar os fenómenos religiosos, «à la petite cuisine accoutumée de toute investigation expérimentale, conformément aux recettes détaillées dans les traités de méthodologie, de façon à aboutir tant bien que mal à ce que nous appelons la connaissance scientifique et l'explication naturelle du phénomène»⁵.

Neste sentido e sendo a pesquisa psicológica, no domínio da religião, claramente diferenciada da especulação teológica e da reflexão metafísico-filosófica, a atenção prestada aos fenómenos de ordem biofisiológica afigura-se-lhe fundamental para circunscre-

² RIBOT, Th., *La Psychologie des sentiments*, Alcan, Paris 1896, p. 297.

³ FLOURNOY, Th., «Les principes de la Psychologie religieuse», *Archives de Psychologie*, 2006, 72, 9.

⁴ Como afirma expressamente Flournoy: «La psychologie religieuse ne rejette point, pas plus qu'elle n'affirme, l'existence transcendante des objets de la religion; elle se borne à l'ignorer et à écarter un problème qu'elle estime n'être pas de son ressort. Pour la psychologie en effet, dit encore Ribot, le sentiment religieux est un fait qu'elle a simplement à analyser et à suivre dans ses transformations, sans aucune compétence pour discuter sa valeur objective ou sa légitimité» (*ibidem*).

⁵ FLOURNOY, «Les principes de la Psychologie religieuse», art. cit., p. 11.

ver o carácter científico e não especulativo da indagação psicológica⁶. Por isso, e ainda que reconhecendo o escasso conhecimento das correlações biológicas dos fenómenos de experiência religiosa, o psicólogo insiste no interesse que esta indagação de natureza biologizante pode assumir para o investigador, afastando-o da especulação e restringindo-o aos fenómenos observáveis. Por outro lado, mais acessível que a investigação biológica, por muito relevante que esta lhe pareça, afigura-se-lhe a abordagem evolutiva ou *genética*, que procura estudar a experiência dos fenómenos religiosos em função das condições do desenvolvimento. Evidentemente que esta abordagem genética não pode deixar de incluir um ponto de vista comparativo ou *diferencial*, que a torne congruente com uma concepção plural da experiência religiosa e figure ilustrativo do tipo de abordagem funcionalista a que a psicologia almeja. Como o próprio declara: «Cela veut dire que la religion y est considérée et étudiée comme une fonction vitale, dont il s'agit de déterminer les formes et les conditions de développement, les variétés et les modifications tant normales que pathologiques suivant les sujets et les groupes, le rôle enfin, l'importance, les effets au milieu des autres fonctions, dans l'économie de l'individu en tant qu'organisme vivant et personnalité psychique tout ensemble⁷».

Nesta referência ao aspeto funcional da religião expressa-se o próprio interesse da análise científica. Com efeito, esta legitimação funcional da experiência religiosa fá-la sobressair aos olhos do professor genebrino como um fenómeno essencial de estudo, contrariando a ideia que a representa como um simples atavismo evolutivamente ultrapassado, se bem que hiperbolizado em certas manifestações psicopatológicas, por cuja pesquisa se interessou. Consciente, todavia, das próprias limitações inerentes a esta abordagem funcional do fenómeno religioso, Flournoy insiste claramente na necessidade de remeter para outras instâncias a elucidação do mistério que rodeia a própria vida humana. A análise subjectivante a que aspira desvia-se de modo deliberado da questão ontológica subjacente, com a qual a experiência religiosa se pretende confrontar. E assim é que na circumspecta reserva científica a que se remete, o próprio futuro da religião afigura-se-lhe algo impenetrável, pois prever a sua continuidade ou extinção pressupõe assumir um ponto de vista dogmático que exorbita da perspectiva funciona-

⁶ O artigo metodológico, publicado em 1902, pode na sua problemática, ser hoje complementado, na enunciação da sua problemática, com o teor dos Manuscritos que se reportam às notas de preparação elaboradas por Flournoy, para o curso de 15 preleções sobre *Psicologia Religiosa* que o autor proferiu de Janeiro a Março de 1905, e mais tarde repetiu de Novembro a Dezembro de 1906. Estes manuscritos foram laboriosamente analisados por Newman Lao, no quadro do seu trabalho de dissertação apresentado na Universidade de Lausanne (2010), sob orientação do Prof. Pierre Yves Brandt. Sendo de grande valia para a análise do perfil docente de Flournoy, a exegese do referido manuscrito (Ms fr 7841/6), adquirido juntamente com outros pela Biblioteca de Genève, em 2007, permite um paralelismo com o artigo metodológico anterior, completando-o nalguns dos seus aspectos. Neste sentido, há temas recorrentes nas notas manuscritas e no artigo publicado, como sejam o esclarecimento sobre o termo de *Psicologia religiosa* e especificação da sua natureza comparativamente com outros domínios disciplinares afins. Interessante é notar, por exemplo, que ainda que utilize o termo de *Psicologia Religiosa*, no intitulado do curso, Flournoy denota o seu sentido equívoco, insistindo na perspectiva naturalista que rege a abordagem psicológica, em que necessariamente o investigador se abstém da emissão de qualquer juízo normativo, e se limita a registar as crenças e vivências subjetivas dos sujeitos observados, sem se pronunciar sobre o seu valor absoluto.

⁷ FLOURNOY, «Les principes de la Psychologie religieuse», art. cit., pp. 14-15.

lista que torna fecundo o interesse científico pelo fenómeno. Donde, sem denegrir a aspiração transcendental da experiência subjectiva, mas deixando em aberto a crença transcendente dos compromissos fideístas, o autor suíço torna clara a sua comunhão de posições com o autor americano William James⁸.

2. Convergência entre as abordagens de Flournoy e William James

Quando cotejamos as perspectivas dos dois autores, necessário se torna destacar a intensa amizade e correspondência que ligou os dois autores. É, com efeito, neste intercâmbio que podemos perceber a comunhão de pontos de vista referente à abordagem psicológica da experiência religiosa. Como sabemos, foram várias as vicissitudes que marcaram a realização das *Gifford Lectures* que James proferiu, em Edimburgo, nos períodos estivais de 1901 e 1902. A publicação dessas conferências, no volume intitulado *The varieties of religious experience*, coincidiu com as últimas conferências proferidas em 1902, havendo sido, no entanto, o texto preparado e concluído em Março do mesmo ano. Este texto recorrentemente editado tornou-se um ícone na obra do autor e, se bem que tenha vindo a receber críticas de vários quadrantes, impõe-se como um texto de clara e agradável redacção que seduziu várias gerações de leitores.

No estudo de Lambert⁹ encontra-se uma descrição bastante detalhada referente à sucessão temporal do plano das conferências de William James e das vicissitudes que as rodearam. Inicialmente James havia sido convidado para leccionar essas conferências na Universidade de Aberdeen, nos anos lectivos de 1898/1899 e 1899/1900. Optando por uma universidade de mais prestígio e concedendo-se um maior tempo de preparação dos cursos, James escolhe uma nomeação em Edimburgo, indicando um outro colega para o posto de Aberdeen¹⁰. Embora tivesse sido indigitado para proferir o seu curso, nos períodos estivais dos anos letivos de 1889/1899 e 1899/1900, adiou o seu primeiro curso para o ano 1901/1902, em data próxima àquela em que Flournoy lecionou o seu curso em Genebra sobre a mesma temática.

Segundo testemunho próprio, a preparação dos cursos parece ter-se iniciado em Junho de 1897, data em que o autor começou a recolher material bibliográfico alusivo

⁸ Será de referir que, na Primavera de 1910, M. de Vargas, Presidente da Associação Cristã Suíça de Estudantes, concebeu a ideia de chamar William James a passar o Verão na Europa, para proferir uma alocação no Encontro da Associação, em Sainte – Croix. O professor aceitou o convite, mas por motivos de agravamento do seu estado de saúde, acabou por não poder participar, vindo a falecer em Chocorua (New Hampshire), depois de um mês passado em Inglaterra, nos finais de Agosto. Foi na sequência do anúncio do falecimento de seu estimado amigo, que Théodore Flournoy preparou o seu estudo sobre *A Filosofia de William James*, vindo a lume em Junho de 1911, como obra de divulgação apologética das concepções do autor. Escrito em francês, o livro terá uma tradução inglesa, autorizada por Edwin B. Holt e William James Jr., com edição em 1917.

⁹ LAMBERT, D. C., *William James and the metaphysics of experience*, Cambridge University Press, Cambridge 2009.

¹⁰ Justificando esta sua opção pela possibilidade de dispor de mais tempo para a preparação, William James escreve: «For lectures I want to do my level best, and if possible sat down my last will and testament on religious matters» (*apud* LAMBERT, *William James and the metaphysics of experience*, op. cit., p. 99).

às experiências religiosas. No Verão de 1898, James viajou para a Califórnia para proferir «Talks to teachers on Psychology» e proferiu a sua famosa conferência em Berkeley sobre «Philosophical Conceptions and Practical Results». No Outono de 1898 começa a aludir de forma concreta ao seu projecto para as *Gifford Lectures*, indicando em carta dirigida a amigos que tem em mente analisar «the psychology of the religious consciousness, in its developed state»¹¹.

Em Março de 1899, James tinha ampliado o seu projecto primordial, tal como o dá a entender, na correspondência que estabelece com Henry Rankin e François Pillon. A este último o psicólogo comunica que o curso «repartir-se-á entre a Psicologia e a Metafísica»¹². Não obstante os problemas recorrentes de saúde que o obrigaram a solicitar o adiamento das Lições, confirma-se que, em Fevereiro de 1900, James terá iniciado a redacção das primeiras conferências, havendo concluído as 4 primeiras lições em Setembro desse mesmo ano. Nessa data figura um primeiro esboço dos conteúdos da futura obra que mostra claramente que o núcleo essencial desse projecto, se bem que antecipando *Varieties* (1902), em muitos dos seus pontos, acabará por ser reformulado e expandido na versão final.

Segundo Lamberth, o autor americano teria projectado inicialmente proceder de forma separada a uma análise descritiva e filosófica do fenómeno religioso, fazendo corresponder esses distintos tipos de análise ao primeiro e segundos cursos de Verão que estavam previstos. Na versão final de *Varieties*, o projecto descritivo assume-se como objectivo central e nuclear da obra, distinto de outras formas de abordagem, como seja a própria abordagem histórica e teológica. Torna-se, também, claro que depois de algumas explanações, na 1ª lição, dedicada à Religião e Neurologia, o autor americano intenta justificar a originalidade do seu projecto, através do tipo de material recolhido. Nas suas próprias palavras afirma que vai abordar os fenómenos de experiência religiosa «num contexto mais vasto do que tem sido habitual nos cursos universitários»¹³.

Para caracterizarmos a abordagem levada a cabo por James e nela denotar as possíveis convergências com a de Flournoy, começaremos por referenciar que, de forma auto-limitativa, James interessa-se pela experiência religiosa individual em detrimento de quaisquer outras abordagens de tipo social ou institucional¹⁴. Nesta abordagem fenomenológica da experiência individual, figura um princípio convergente com o assumido por Flournoy, no sentido em que a indagação heurística se centra de forma radicalmente empírica sobre os estados emocionais ou representações mentais do sujeito, assumidas como realidades de natureza empírica¹⁵, que haverá que descrever e interpretar no seu dinamismo processual.

¹¹ James to Henry W. Rankin, 30 September 1898.

¹² *apud* LAMBERTH, *William James and the metaphysics of experience*, op. cit., p. 100.

¹³ JAMES, W., *Varieties of religious experience*, Penguin Group, New-York, 1985, p. 25.

¹⁴ Como sublinha Charles Taylor, a abordagem de James compagina-se com o movimento moderno de secularização, que a própria Reforma Protestante propiciou, pela ênfase concedida à interiorização da fé e ao compromisso ético que a mesma pode denotar (TAYLOR, Ch., *Varieties of religion today. William James Revisited*, Harvard University Press, Cambridge – Massachussets 2002, pp. 14-15).

¹⁵ Nas suas próprias palavras, «the mass of collateral phenomena, morbid or healthy, with which the various religious phenomena must be compared in order to understand them better, forms what in the slang of pedagogies is termed *the apperceiving mass* by which we comprehend them» (JAMES,

Ou seja, de forma evidente William James pretende ignorar o aspecto institucional do fenómeno religioso, para se confinar aos aspectos da experiência individual, sublinhando que: «Religion, therefore, as I now ask you arbitrarily to take it, shall mean for us the feelings, acts, and experiences of individual men in their solitude, *so far as they apprehend themselves to stand in relation to whatever they may consider the divine*¹⁶». Neste sentido, é a experiência singular que se erige como verdadeiro *locus* do fenómeno religioso, enquanto transversal às várias crenças confessionais que o podem modelar, mas não propriamente determinar na sua especificidade mais genuína, como James sempre defenderá¹⁷. Se bem que a abordagem de James se autodelimite como psicológica e circunscrita à esfera dos pensamentos e sentimentos individuais, o objecto a que se reportam esses sentimentos e cognições assume um valor transcendente para o indivíduo, sendo este redimensionamento inerente à própria estruturação do fenómeno religioso, na sua dimensão subjectiva¹⁸.

Remetida a indagação religiosa ao aspecto fenoménico individual, não deixa o autor de perceber a própria dificuldade que há em definir essa mesma experiência. Nessa perspectiva, a experiência religiosa, independentemente do sistema de crenças e ritos particulares que a configuram, poderá ser identificada a partir da relação que o sujeito mantém com o que supõe ser uma ordem invisível com a qual se pretende harmonizar. Esta crença na realidade do invisível ordena e configura toda a experiência religiosa individual, seja qual for a sua forma de expressão, sendo que a experiência religiosa apresenta à consciência humana o sentido de uma presença objectiva, tal como o autor o traduz: «A sense of reality, a feeling of objective presence, a perception of what we may call something there, more deep and more general than by of the special and particular senses by which the current psychology supposes existent realities to be originally revealed¹⁹». Sem desconhecer o interesse que algumas manifestações espíritas, designadamente as de escrita automática, tinham suscitado no professor Flournoy, William James

Varieties of religious experience, op. cit., p. 25). Esta abordagem empiricista justifica-a James, pelo próprio espírito dos tempos, afirmando: «Never were as many men of a decidedly empiricist proclivity in existence as there are at the present day. Our children, one may say, are almost born scientific» (JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., p. 14).

¹⁶ JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., p. 31.

¹⁷ Subjacente a uma apreciação geral da obra, deve figurar a ideia que VRE procura compaginar, na sua reflexão, o legado do Protestantismo e as exigências da Ciência, sendo neste sentido de analisar a própria continuidade com a publicação «The will to believe» (1896). Por tal razão, a perspectiva evolucionista com que a Ciência o confronta obriga James a retirar da funcionalidade da religião o colete de forças institucional que a limita, seguindo o que já denunciara como intenção numa carta remetida a Holmes, em 1868 (HOLLINGER, D., «Damned for god's glory. William James and the scientific vindication of protestant culture», in W. PROUDFOOT (ed.), *William James and a Science of Religions. Reexperiencing «The Varieties of Religious Experience»*, Columbia University Press, New York, 2004, p. 18).

¹⁸ Como insiste Flournoy, na exegese que faz da sua obra, a originalidade da abordagem de James fica a dever-se prioritariamente ao seu método, tornando-se clara a influência que a formação do seu mestre Agassiz teve para o rigorismo da sua observação extrospectiva e introspectiva, afastando-o cedo das falácias do “abstraccionismo”, que permite deduções lógicas, mas improvadas (FLOURNOY, *The philosophy of William James*, Henry Holt and Company, New York 1917, p. 26).

¹⁹ JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., p. 38.

remete-as para uma explicação de natureza orgânica, se bem que ainda desconhecida, manifestando um certo juízo prudencial face a certas interpretações parapsíquicas em que os círculos espíritas eram férteis, numa espécie de inversão reactiva ao paradigma positivista que dominava a ciência²⁰.

Em contraposição e, servindo-se da própria documentação cedida pelo Professor Flournoy, James aprofunda, de forma extensiva, na nona Lição, a análise da experiência mística a que se associam certos fenómenos de conversão. Falar da *conversão* de alguém implica para o psicólogo americano que «religious ideas, previously peripheral in his consciousness, now take a central place, and that religious aims form the habitual centre of his energy²¹». Admitindo que a psicologia não pode esclarecer todas as forças dinâmicas envolvidas no processo, manifesta-se de acordo com alguns autores que salientam ser este um processo normativo frequente no percurso adolescente, em que o sujeito se vê confrontado com a necessidade de ampliar o seu sistema de referências e convicções intelectuais e morais. Mas por central que este fenómeno se afigure em certas biografias de adultos ou adolescentes, William James reconhece que, para alguns indivíduos, este fenómeno de conversão está excluído da sua experiência porque, como afirma, «religious ideas cannot become the centre of their spiritual energy²²».

Admitindo-o, será todavia nestes capítulos sobre a conversão, que nós denotamos, de forma mais evidente, um certo sentido apologético na obra ainda que não cunhado por qualquer dogmatismo ou sectarismo. Nas suas próprias palavras, «psychology and religion are thus in perfect harmony up to this point, since both admit that there are forces seemingly outside of the conscious individual that bring redemption to his life²³». E se bem que remetendo a dinâmica operativa destes processos para uma mera dimensão psicológica, James não deixa de reconhecer a «força redentora» desse tipo de experiência religiosa, comumente originada por uma forma de crise existencial que outorga sentido à própria vida, segundo os relatos transcritos. Aliás, o fenómeno da conversão afigura-se-lhe nuclear no que particularmente à teologia protestante diz respeito, pois esta associa este tipo de experiência a doutrinas de predestinação e graça que reconfiguram estes acontecimentos de inspiração súbita em acontecimentos miraculosos, que tornam visível a cumulação de graças por parte de uma entidade transcendente.

Sem deixar de prestar atenção, na sua qualidade de psicólogo, a outro tipo de fenómenos que, aparentados com os da conversão clássica, são conotados como “paranor-

²⁰ O interesse pelo estudo dos fenómenos parapsíquicos foi comum a James e Flournoy, e partilhado com outros cientistas e pensadores da época; em 1882, Myers havia fundado, em Londres, a *Society for Psychical Research* (SPR), de que James viria a assumir a Presidência, e que teria uma influência histórica na criação da *Sociedade Francesa de Psicologia*, surgida em 1901 (PAROT, F., «Psychology in Human Sciences in France, 1920-1940», *History of Psychology*, 2000, vol. 3, nº 2, pp. 104-121). Em 1900, Flournoy tinha dado a conhecer a sua pesquisa de cinco anos, relativa às múltiplas personalidades de Hélène Smith, comunicante em várias línguas, de acordo com as suas supostas reencarnações. A obra *Des Indes à la Planète Mars. Étude sur un cas de somnambulisme avec glossolalie* tornou-se um clássico que importa ainda hoje referenciar, quando se abordam questões históricas ligadas ao desenvolvimento da psicologia clínica e da medicina psiquiátrica.

²¹ JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., p. 196.

²² JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., p. 204.

²³ JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., p. 211.

mais”, o autor americano manifesta interesse pelos fenómenos marginais à consciência, referenciando os estudos psicopatológicos que Binet, Janet, Breuer e Freud haviam desenvolvido a respeito das influências inconscientes ou subconscientes nos pacientes histéricos. Com efeito, tais fenómenos operam, tal como a conversão, uma transformação da consciência que configura uma metamorfose do sujeito, consubstanciada num sentimento vivencial de ruptura.

De forma análoga à própria história religiosa do protestantismo, inaugurado como uma ruptura com a ortodoxia dominante, para William James, a conversão reassume-se no sentimento de gratuidade do próprio dom divino tão caro à teologia protestante e que o sujeito, no processo de conversão, experiencia de forma individual. Segundo o investigador, «the central one is the loss of all the worry, the sense that all is ultimately well with one, the peace, the harmony, the willingness to be, even though the outer conditions should remain the same. The certainty of God’s grace of justification, salvation, is an objective belief that usually accompanies the change in Christians; but this may be entirely lacking and yet the affective peace remain the same (...). A passion of willingness, of acquiescence, of admiration, is the glowing centre of this state of mind²⁴».

Nas últimas lições, dedicadas à questão da santidade, revela-se de forma ainda mais patente a influência que o pensamento teológico de feição protestante exerce sobre William James, mesmo que a sua indagação não pretenda extravasar os limites da pesquisa psicológica. Falando dessa abertura a um sentido mais amplo da vida que minimiza os sentimentos e visões prioritariamente auto-centrados, torna-se clara a perspectiva funcional e moral que James tem da religião. A magnanimidade a que a experiência religiosa incita não deixa de configurar uma vantagem social clara, vantagem essa que explicará a própria sobrevivência do sentimento religioso no transcurso da história humana. As próprias vantagens sanitárias e sociais do ascetismo, na ausência de mortificações excessivas, que podem patentear patologia ou perversidade são de realçar, sendo que, de um ponto de vista histórico, o ascetismo funcionou, em muitas circunstâncias, como uma forma adaptativa às próprias restrições que eram impostas. Aliás William James parece, neste ponto, plenamente consciente dos diferentes equilíbrios homeoestáticos exigidos pelos diferentes tipos de personalidade, emitindo a opinião de que, em grau moderado, a contenção auto-imposta pode não se revelar negativa para o sujeito, fomentando-lhe força de carácter e poder interior²⁵.

Em suma, torna-se possível encontrar aspectos claramente comuns na abordagem que William James e Flournoy fazem da temática religiosa. Interessados ambos pela exploração de fenómenos que se reportam a experiências transcendentais, pretendem os dois professores excluírem pressupostos metafísicos de um estudo que pretende delimitar-se no âmbito de um paradigma científico marcado por uma preocupação fenomenológico-empírica. Não carece dúvida que as suas crenças religiosas não deixaram de ter efeito no interesse que revelam pelo fenómeno religioso, mas torna-se evidente, no entanto, que é como homens de ciência que pretendem explorar este fenómeno, escamoteado ou minimizado nas diversas correntes de materialismo agnóstico-atéu fertiliza-

²⁴ JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., p. 248.

²⁵ JAMES, *Varieties of religious experience*, op. cit., pp. 296-299.

das no século XIX e de que o próprio Positivismo foi sustentáculo²⁶. Em seu entender, no conspecto da experiência humana colectiva e individual, o fenómeno religioso não pode passar despercebido, apelando a sua sobrevivência a uma explicação funcionalista. Com efeito, a própria marca do darwinismo evolucionista, na psicologia científica, denota impacto tanto em Flournoy como em William James, induzindo-os a pensar que se, no transcurso dos séculos, a espécie humana revela essa relação ao transcendente, tal significa necessariamente que tais comportamentos patenteiam uma componente adaptativa que importa destacar. Interessante, aliás, é notar que se do ponto de vista ideológico, o autor americano renega qualquer forma de darwinismo social, do ponto de vista da sobrevivência das religiões, parece-lhe aceitável que sobreviva a mais eficaz porque mais adaptável aos objectivos de expansão e progresso humano²⁷. Tanto para Flournoy como para William James, a religião protestante emergia como a mais adaptativa e consequente com as exigências dos tempos modernos por fomentar uma autonomia individual em sintonia com um exigente sentido de responsabilidade social.

3. Revisitando James: o ensaio de Delacroix

Tornando-se evidente a comunhão de pontos de vista entre Flournoy e James, importa analisar a revisitação que Henri Delacroix fez da obra de James, por altura da publicação de *Varieties of religious experience*, na recensão crítica que fez para a *Revue de Métaphysique et de Morale*²⁸, e pela qual pretendia promover um conhecimento extensivo da obra nos círculos franceses. Tendo sido um dos primeiros catedráticos de Psicologia, na Faculdade de Letras da Sorbonne, a sua influência revelou-se profunda, na época, se bem que atualmente a sua figura esteja quase esquecida, relegada para um secundaríssimo plano²⁹. No entanto, a sua obra no domínio da psicologia religiosa

²⁶ Como recorda Alfredo Fierro («Relectura de Las Variedades de la experiencia religiosa», *Estudios de Psicología*, 32, nº 1, 2011, p. 30), a crítica racionalista e ilustrada e a filologia bíblica tinham já erodido, ainda antes do agnosticismo positivista, alguns dogmas da religião, razão pela qual o interesse pela religião se vai recentrar nos aspectos individuais da experiência em detrimento dos aspectos coletivizantes.

²⁷ Esta concepção evolucionista relativa à sobrevivência das religiões mais adaptadas reenvia-nos aos princípios do protestanismo liberal, em oposição ao que o autor designava por teologia dogmática. De salientar que na carta remetida a Holmes (1868), com a idade de 26 anos, James afirmava já: «I shall continue to apply empirical principles to my experiences as I go and see how much they fit» (William James to Oliver Wendell Holmes Jr., May 18, 1868, in HOLLINGER, «Damned for god's glory. William James and the scientific vindication of protestant culture», op. cit., p. 18). E no escrutínio que vai fazer à religião, continua a indagar se há algo que deva ser salvo da velha religião, que não seja senão a ideia de que o homem é a sua própria Providência.

²⁸ Delacroix, H., «Les variétés de l'expérience religieuse par William James», *Revue de Métaphysique et de Morale*, 11 (1903) 642-662. De referir que o autor tinha iniciado, desde 1898, a colaboração nesta revista, que havia sido fundada por um grupo de jovens recém-saídos da *École Normale Supérieure*, e de que foi director Xavier Léon.

²⁹ Lamentando este esquecimento, Noemi Pizarroso López, comenta: «Su nombre es rara vez mencionado no sólo en él ámbito de la psicología francesa – y cuando lo hace, es para quedar relegado a um mero dato en la “prehistoria” filosófica de la disciplina. Se trata de un descuido, como tantos otros, tan lamentable como injustificable, cuando descubrimos en su lectura la sutileza y

revela, em sintonia com as posições de James e Flournoy, rigor e reflexão crítica, tendo contribuído de forma decisiva para a divulgação do pragmatismo em França. Por sua vez, o contato com a pesquisa do investigador americano foi decisiva para a inflexão psicologizante do seu estudo no domínio religioso, até então dominado por uma abordagem crítico-histórica, na linha da sua formação inicial em filosofia³⁰.

Na perspectiva de Henri, o trabalho de William James não figura isolado, mas inscreve-se num conjunto de trabalhos, como os de Starbuck, Leuba e Murisier, que permitiram configurar o domínio heurístico específico da psicologia da religião³¹. De qualquer modo, para o autor francês, o estudo de William James afirma-se como o mais completo e sistemático, procurando instituir-se como uma fenomenologia do sentimento religioso que permita compreendê-lo na abrangência do seu sentido e função. Como expunha na sua abordagem à obra de James, «le problème de la valeur de la vie religieuse n'est pas un problème théorique; c'est un problème pratique. Le Dieu que l'on croit vrai est le Dieu dont on a besoin; la religion repose sur des désirs et des sentiments et non pas sur des raisonnements³²». Ou seja, a abordagem de James afigura-se-lhe congruente com o intento explicativo da psicologia, sendo através desta abordagem que pode ser entendida a diversidade estrutural que tipifica o fenómeno religioso a par com a sua unidade experiencial. E sublinha: «La valeur de la religion s'estime à ses fruits et non à ses origines ou à ses principes; c'est à leur effets sur la vie que les principes théoriques doivent leur verité; d'où il suit que la valeur d'une religion dépend de son utilité pour l'individu et de l'utilité de cet individu pour la société³³».

Se a diversidade estrutural das religiões se explica pela diversidade dos vetores culturais e das aspirações individuais, haverá necessariamente que reconhecer uma transversalidade experiencial, traduzida no sentimento fideísta subjacente. Como indaga Delacroix, inscrevendo-se no quadro da abordagem empírica de James: «Le sentiment ou la croyance que nous faisons partie d'un univers plus vaste et plus spirituel avec lequel nous pouvons nous unir par des renoncements et par développements n'est-il pas l'expression religieuse d'une réalité psychologique?³⁴». É, com efeito, esta individualização do fenómeno religioso³⁵, que constitui o eixo da revolução copernicana operada

erudición de sus análisis de la experiencia y la actividad mental» (PIZZARROSO LÓPEZ, N., «De la historia de la filosofía a la psicología del misticismo. Los primeros trabajos de Henri Delacroix», *Revista de Historia de la Psicología*, vol. 34, n.º 1 2013, p. 82).

³⁰ É dentro desta linha que desenvolverá os seus primeiros trabalhos para a tese sobre o misticismo de Eckhart, e abordará questões relacionadas com a «História das ideias filosóficas na Alemanha no século XIX» (cf. PIZZARROSO LÓPEZ, art. cit., pp. 84-85).

³¹ Como assinala Martínez-Guerrero, do conjunto de ciências antropossociais aplicadas ao estudo da religião, a Psicologia foi a última a incorporar-se, figurando a obra de James como uma peça central dessa psicologização (MARTINEZ-GUERREIRO, L., «Las variedades de la psicología de la religión: explorando las diferentes formas de construir el objecto de estudio», *Revista de Historia de la Psicología*, vol. 32, n.º 1 (2011) p. 52).

³² DELACROIX, *Les variétés de l'expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 644.

³³ DELACROIX, *Les variétés de l'expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 644.

³⁴ DELACROIX, *Les variétés de l'expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 644.

³⁵ O próprio efeito da crítica racionalista aos dogmas do cristianismo terá contribuído para esta individualização, ao fazer centrar o eixo da religião mais no recôndito intimista do sentimento da fé do que no rigorismo dos preceitos teológicos.

pela emergente psicologia da religião, nos seus intentos heurísticos e procedimentos metodológicos, em plena convergência com a abordagem funcionalista proposta por James. Como vimos, tal tipo de abordagem radicava na análise da experiencição, tomada como juíz e valor dos factos, sendo de admitir que, na óptica jamesiana, o sentimento é tido por anterior às crenças que são interpretadas como elaborações secundárias que o intelecto produz, por sugestão do sentimento religioso.

Consciente de que a “conversão” figura como um eixo nuclear na abordagem funcionalista de James, a santidade afigura-se-lhe como um potencial inscrito na tessitura da própria humanidade. Nas suas próprias palavras que evocam as posições do psicólogo americano, «il y a comme un type de sainteté répandu à travers tout l’humanité, et qui n’est que l’élévation à une plus haute puissance des traits fondamentaux, également universels, de l’aspiration religieuse³⁶».

Deste modo, e distanciando-se da primitiva perspectiva histórico-crítica que informou o seu estudo sobre o misticismo, Delacroix destaca a utilidade social da santidade, insistindo nos valores que a mesma pode promover para benefício individual e coletivo. Sem escamotear os riscos inerentes ao que poderia constituir uma fuga à vida social, por exagero ascético ou caritativo, reconhece: «Mais dans les âmes plus robustes et mieux faites pour la vie, quelle valeur n’ont pas toutes ces vertues! quels horizons n’ajoutent-elles pas à la vie! Quels enseignements ne peuvent-elles pas donner, même à ceux qui ne sauraient s’y plier. La sainteté a apporté au monde des émotions et des leçons nouvelles³⁷».

E admitindo que a figura do santo pode implicitar, em si mesma, uma forma adaptativamente antecipatória da utopia que nos norteia, comenta, seguindo James, que «le saint est peut-être un essai anticipé d’adaptation à une société meilleure que la nôtre, encore qu’irréelle³⁸».

Ou seja, na adesão à perspectiva funcionalista de James, que se torna a sua, Delacroix abandona a questão da dimensão ontoteológica dos fenómenos religiosos para se circunscrever à realidade psicológica da sua experiencição, cujas raízes remeteriam para uma ordem subliminal da própria consciência, mais abrangente quo o individuo, se bem que figurada nele. E sem dúvida que, nesta imanentização do fenómeno divino, para que apela o empirismo do psicólogo americano, traçam-se as rotas metodológicas para a reformulação da indagação heurística do professor francês.

Verdade, porém, é que não obstante ter sido determinante a influência da abordagem empírica de *Varieties* para o devir da sua reflexão, Delacroix não abdicará de emitir uma perpetiva crítica relativa à exclusiva centração nos aspetos individuais e afetivos da experiência religiosa. E, assim é que, num contexto de rasgados elogios à obra³⁹, e argu-

³⁶ DELACROIX, *Les variétés de l’expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 651.

³⁷ DELACROIX, *Les variétés de l’expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 654.

³⁸ DELACROIX, *Les variétés de l’expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 654.

³⁹ Cauteloso nas suas críticas, pela admiração intelectual que nutre por James, o autor francês expressa as suas reservas críticas, afirmando: «Nous nous garderons d’adresser à cette vaste étude d’ensemble des objections de détail. Quand un auteur traite avec tant d’unité et d’ampleur un objet aussi complexe, quand il réussit à présenter un tableau aussi varié et aussi systématique d’une forme de l’expérience que les psychologues avaient à peine effleurée, on n’a guère le droit de relever contre lui quelques erreurs partielles ou l’omission de quelques problèmes secondaires», DELACROIX, *Les variétés de l’expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 661.

mentando sobre a legitimidade da abordagem psicológica no domínio da religião, acaba por se insurgir contra a unilateralidade da abordagem jamesiana, comentando: «La psychologie n'a pas le droit, sans se mutiler elle-même de trancher ce double lien qui unit l'âme religieuse aux autres âmes. Elle n'a donc pas le droit de négliger complètement ce qui est institution, Église, dogme, pratiques collectives ou émotions collectives, puisque la conscience individuelle puise à leur source et à son tour l'alimente. Une telle omission expose à voir incomplètement les faits⁴⁰».

Sem deixar de referenciar a necessidade de uma perspectiva histórico-sociológica para a compreensão da formação das religiões, acentua que a experiência religiosa que James invoca é a experiência que a modernidade configurou, e nesse sentido limitativa. Por outro lado, afigura-se-lhe que, na hipostasiação que faz do sentimento religioso, o investigador americano tende a dissociar as componentes afectivas das componentes racionais que lhes estão intrinsecamente associadas, praticando um reducionismo metodológico e ontológico que sempre criticará, como o provará o importante trabalho, *La religion et la foi*, publicado em 1922⁴¹.

Em conclusão, no movimento pendular que tem caracterizado o domínio da psicologia da religião, com períodos de assinalável produtividade heurística e outros de quase esquecimento, torna-se patente o recrudescimento do interesse por esta área de pesquisa, porventura mais esquecida. A publicação de William James, *The varieties of religious experience* (1902), continua a ser uma obra de agradável leitura, se bem que distante dos parâmetros que, porventura, a tornariam atualmente publicável nos meios académicos da psicologia. Certo é que a sua influência histórica é irrefutável, erigindo-se, desde o ano da sua publicação, como um estudo original que teve repercussões imediatas nos meios intelectuais europeus, como o podem atestar as análises críticas que lhe foram consagradas, entre outros, por Théodore Flournoy e Henri Delacroix.

Flournoy mantinha, de longa data, um estreito intercâmbio científico com James, partilhando um comum interesse pela psicologia da religião que intenta definir nos seus propósitos metodológicos e heurísticos, podendo a sua obra considerar-se fundacional deste domínio, tal como a de James, de cujas doutrinas fez uma ampla divulgação. Empenhado em divulgar as teses pragmatistas de W. James, nos círculos genebrinos, o professor suíço tornou, desde cedo, patente a sua sintonia com as posições do autor americano⁴², designadamente, no que à abordagem psicológica do fenómeno religioso diz respeito. Tomando por paradigmático o seu estudo jamesiano, Flournoy evidenciava o carácter fundacional deste estudo para a nova área disciplinar da Psicologia da religião que ele próprio ajudou a constituir e a desenvolver através de uma delimitação clara das suas fronteiras, face a domínios afins.

⁴⁰ DELACROIX, *Les variétés de l'expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 662.

⁴¹ DELACROIX, *La Religion et la Foi*, Alcan, Paris 1922. Sobre este estudo, consulte-se J. De Brandt, «Le fait religieux d'après M. Delacroix», *Revue néo-scolastique de philosophie*, 26, Série 2, n.º 2, 1924, pp. 184-200.

⁴² Como elucidativamente comentará Delacroix, «Flournoy a presque fait siennes les thèses de James», DELACROIX, *Les variétés de l'expérience religieuse par William James*, op. cit., p. 643.

Hoje esquecido, Henri Delacroix exerceu igualmente um papel relevante na divulgação das teses de James nos círculos franceses. Discípulo de Bergson que manterá ele próprio uma correspondência regular com James, desde 1902, havia desde cedo manifestado um interesse particular pelo estudo do fenómeno religioso, no âmbito da formação histórico-filosófica que começou por ser a sua. Por isso natural é que havendo defendido, em 1900, uma tese sobre o misticismo especulativo na Alemanha do século XIV, Delacroix se tenha sentido naturalmente polarizado para a análise da obra de William James, como pródromo ao desenvolvimento ulterior das suas próprias posições no domínio da psicologia da religião.

De facto, o contato com a abordagem empirista de William James foi um dos veículos de transição de uma abordagem histórico-crítica da religião para uma outra teor mais psicologizante, consagrada nos *Études de l'histoire et de la psychologie du mysticisme*, publicados em 1908. E assim, não obstante possamos assinalar um fio de continuidade conceptual entre as abordagens psicológicas de James, Flournoy e Delacroix, torna-se evidente já um certo distanciamento crítico por parte do último autor na recensão que faz de *Varieties*, não sendo tão estreita a sua colagem às teses do autor americano quanto a de Flournoy. Neste sentido, a comunhão de perspectivas que podemos denotar entre os três autores, não deixa de ser acompanhada por uma refutação crítica que o psicólogo francês sempre fez do excessivo individualismo da abordagem jamesiana.